

## **ASPECTOS SOCIAIS DA PRODUÇÃO DE LEITE NO BRASIL**

*Elmer Ferreira Luiz de Almeida*

### **Introdução**

O agronegócio **Leite** no Brasil tem passado por mudanças importantes desde o início dos anos noventa, quando se iniciou o processo de desregulamentação do mercado e a abertura comercial.

A liberalização dos preços do leite e derivados, a importação desenfreada, o aumento do poder das multinacionais, a ampliação da coleta de leite a granel, a mudança do eixo tradicional da produção para o Centro-Oeste e a redução do número de produtores, são marcas novas no dia-a-dia do setor leiteiro.

Apesar da oferta interna de leite ter crescido aproximadamente 30% entre 1990 e 1998, as importações cresceram 145% no mesmo período, principalmente oriundas dos nossos parceiros no Mercosul (Argentina e Uruguai). O Brasil certamente continuará sendo um país importador de leite e o “*tamanho*” desta importação dependerá das políticas comerciais a serem adotadas. Cabe ao governo utilizar-se dos instrumentos de que dispõe para conter volumes desnecessários de importação de produtos lácteos, evitando problemas na balança comercial e quedas de preços reais que agravam ainda mais os problemas sociais na produção primária.

É dado como característica marcante da produção primária do leite no Brasil a predominância de produtores nada ou pouco especializados, produção sazonal, pequenos volumes por produtor (40-50 litros/dia) e a venda de animais mestiços e de corte. Esta característica é resultado de uma legislação ultrapassada quanto à qualidade do produto e ao tabelamento advindo da década de cinqüenta. É por isso que a produção de leite no país apresenta uma heterogeneidade de situações, indo desde o produtor especializado (raças puras, alimentação e sanidade adequadas, economia de escala, etc.) até o produtor de gado de corte, para o qual o leite é um subproduto do bezerro capaz de gerar uma pequena renda mensal.

Estudiosos da cadeia produtiva do leite apontam algumas mudanças para os próximos dez anos, no setor:

- ♦ a curto prazo: redução no número de produtores médios e grandes, principalmente aqueles que operam com custos elevados, escalas insuficientes e mão-de-obra assalariada. Continuará havendo uma grande oferta de leite de baixo custo e baixa qualidade. A maioria deste leite virá de produtores familiares que operam com gado mestiço e continuará sendo dirigido ao mercado informal, que deve aumentar ainda mais a sua participação relativa no curto prazo.
- ♦ a longo prazo: a granelização e a revisão das normas de produção e qualidade final dos produtos lácteos culminará em um menor número de produtores especializados que substituirão um forte contingente de produtores não especializados. Estima-se que o processo deverá redundar no desaparecimento de pelo menos um terço dos atuais produtores de leite.

### **Numeros que atraem**

O rebanho bovino do Brasil é estimado em 160 milhões de cabeças. A produção anual de leite está próxima dos 21 bilhões de litros e o faturamento da cadeia produtiva alcança a representativa cifra de 11,9 bilhões de dólares. Estes números, vistos por ângulos diferentes, atraem pelas suas dimensões e mostram a importância do setor leiteiro no agronegócio. Dados do IBGE (1996) apontam um contingente de 6 milhões de pessoas envolvidas diretamente com o produto leite.

Dentro deste contexto, atuando de forma incisiva, estão grandes laticínios internacionais como a NESTLÉ, a PARMALAT, a FLEISCHMAN ROYAL, dentre outras. Alguns conglomerados cooperativos nacionais como a ITAMBÉ, conseguem competir e permanecem na atividade. Todas estas empresas vêm demonstrando que o quadro de filiados ou fornecedores tem diminuído

consideravelmente nos últimos anos, embora o volume de leite entregue tenha tido crescimento contínuo.

O exemplo clássico desta mudança é representado pela CCPR-ITAMBÉ, de Minas Gerais, que possuía 20.155 fornecedores em dezembro de 1997 e em abril de 2001 seu quadro de fornecedores era de apenas 8.107 produtores, com praticamente o mesmo volume total de leite.

### **Números que assustam**

Enquanto a Argentina produz em torno de 10 bilhões de litros/leite/ano com 22.000 produtores, no Brasil, mais de 1.200.000 produtores são responsáveis por 21 bilhões. Isto mostra que milhares de produtores familiares ainda geram uma receita modesta, mas importante, através de sua participação na atividade leiteira.

O Censo Agropecuário de 1995/96, mostrou que, em Santa Catarina, existiam 145.668 produtores que informaram produzir leite. É incrível e ao mesmo tempo significativo saber que, deste total, 52,6% ordenhavam até 2 vacas e 96,8% ordenhavam até 10 vacas e comercializavam 71,7% dos 557 milhões de litros de leite vendidos naquele ano agrícola. No Oeste Catarinense 72% dos produtores de leite entregam até 900 litros de leite/mês.

O mesmo Censo Agropecuário acusa que, em todo o Brasil, 50% dos produtores fornecem até 100 litros/dia aos laticínios. O volume de produção desta massa de pequenos produtores não vai além de 10% de toda a produção nacional.

As tabelas 1 e 2 analisam e justificam os resultados da produção de leite obtida entre os agricultores familiares, uma vez que, além da falta de uma tecnologia mais apropriada e da ausência de uma política financeira oficial para o setor, eles detêm apenas 30,5% da área agrícola do país. As regiões Nordeste e Sul se caracterizam pelo expressivo número de estabelecimentos agrícolas minifundiários, detendo 71,6% do total existente no Brasil.

Tabela 1. Brasil – Estratificação de estabelecimentos

Categorias	Estabelecimentos	%	Área(1.000 ha)	%
Familiar	4.139.369	85,2	107.768	30,5
Patronal	554.501	11,4	240.042	67,9
Pública/relig.	165.862	3,4	5.793	1,6
Não identificado	132	0	8	0
Total	4.859.864	100	353.611	100

Fonte: IBGE (censo 95/96)

Tabela 2. Brasil – Agricultura Familiar (estabelecimentos – %)

Região	Estabelecimentos	%
Nordeste	2.055.157	49,7
Sul	907.635	21,9
Sudeste	633.620	15,3
Norte	380.895	9,2
Centro-Oeste	162.062	3,9
<b>Brasil</b>	<b>4.139.369</b>	<b>100</b>

Fonte: IBGE (censo 95/96)

### O que produzem os agricultores familiares ?

As principais atividades agrícolas dos agricultores familiares são: o milho, o feijão, a suinocultura, a criação de aves e a pecuária de leite e corte.

Juntamente com o milho e a avicultura, a pecuária leiteira é expressiva na região Sul, onde 61,6% dos produtores se dedicam a esta atividade. Nos últimos anos a pecuária leiteira tem apresentado um crescimento substancial na região Centro-Oeste e isto é demonstrado, também, na Tabela 3. Ressalta-se que, na região Sudeste, a pecuária leiteira tem importância relativamente superior aos demais produtos entre os agricultores familiares.

Tabela 3. Brasil – Agricultura Familiar (Principais produtos - %)

<b>Região</b>	<b>Corte</b>	<b>Leite</b>	<b>Suínos</b>	<b>Aves</b>	<b>Feijão</b>	<b>Milho</b>
Nordeste	17,5	22,1	22,0	60,9	56,4	55,1
Centro-Oeste	53,7	61,0	36,7	69,4	9,9	37,8
Norte	23,6	25,7	23,4	63,1	23,1	40,4
Sudeste	27,9	44,1	23,5	53,4	32,3	44,3
Sul	48,2	61,6	54,9	73,5	46,9	71,4
<b>Brasil</b>	<b>27,8</b>	<b>36,0</b>	<b>30,1</b>	<b>63,1</b>	<b>45,8</b>	<b>55,0</b>
Patronal	48,5	54,2	19,0	39,5	17,9	32,3

Fonte: IBGE (Censo 95/96)

### Pecuária leiteira e renda

Os dados apresentados no Censo Agropecuário de 1995/96 são claros quando mostram a importância da pecuária leiteira na composição da renda familiar do pequeno produtor rural. No Brasil, 13,3% dos agricultores familiares têm na atividade leiteira sua principal fonte de renda. Na região Sudeste, entre as atividades rurais, a pecuária leiteira é a principal e mais importante. Já entre os agricultores patronais, com grande extensão de terras, a pecuária de corte é a principal atividade. A Tabela 3 evidencia que as atividades de produção animal, de valor agregado mais elevado, têm maior participação na composição do Valor Básico da Produção (VBP) nacional. O VBP expressa o valor de tudo que é produzido e comercializado na unidade produtiva.

As atividades agropecuárias variam de importância conforme a região. Os dados do Sul influenciam muito a média nacional, em virtude de sua maior participação no VBP dos agricultores familiares (47 %do total). Um bom exemplo são os suínos, aves/ovos, milho e soja, de fraca participação no valor do VBP nas demais regiões, mas de forte participação no VBP da região Sul, o que eleva sua importância na agricultura familiar brasileira.

Tabela 4. Brasil – Agricultura Familiar (Produtos x VBP - %)

Região	Corte	Leite	Suínos	Aves	Feijão	Milho
Nordeste	13,6	13,7	2,2	6,5	9,8	6,3
Centro-Oeste	26,0	25,3	2,6	6,5	1,2	8,7
Norte	11,6	10,6	1,9	4,3	2,8	3,1
Sudeste	9,9	19,5	1,5	6,5	2,2	6,4
Sul	5,4	9,2	9,7	15,2	2,9	11,5
<b>Brasil</b>	9,5	13,3	5,6	10,5	3,8	8,7
Patronal	19,0	7,5	2,5	9,6	2,0	5,6

Fonte: IBGE (Censo 95/96)

### Estratégias para sobrevivência

Tem se tornado comum entre os profissionais, empresários do setor e até mesmo produtores a hipótese do desaparecimento do agricultor familiar da atividade leiteira. As novas exigências da legislação quanto a qualidade, granelização e a competição no mercado, segundo as “aves de rapina”, farão com que os pequenos produtores façam outras opções para suas atividades econômicas. Vamos ao êxodo rural, novamente !

De acordo com os agourentos de plantão, permanecerão na atividade leiteira somente os produtores que adotarem modernas e caras tecnologias, produzirem em grande escala e negociarem pelo volume. Ora, se isto aconteceu nos Estados Unidos e Argentina, porque não vai acontecer no Brasil?

Não se explica, de forma acadêmica, a sobrevivência e mesmo a expansão da produção familiar em alguns estados brasileiros, especialmente na região Sul. É de se perguntar que estratégias estariam utilizando esses produtores familiares para a viabilidade do seu negócio na atividade leiteira.

A permanência do produtor familiar na atividade leiteira obrigatoriamente tem que passar pelas seguintes estratégias:

1. **Organização Comunitária:** À medida em que os pequenos produtores se agrupam para atividades comuns, entra em cena a conquista da “escala de produção”. Os tanques de expansão

coletivos, com volumes adequados e contratos de fornecimento com laticínios idôneos, quebra o paradigma do volume. Aqui há de se observar a qualidade final do produto, exigência legal e de mercado. Por outro lado, a oportunidade de compras em comum de insumos e a adoção de inseminação artificial comunitária viabiliza, com certeza, o aumento da produção grupal e a melhoria genética do rebanho.

2. **Quebra da sazonalidade:** Pequenas mudanças de manejo alimentar, utilização de cana corrigida, silagens de capim em mutirão, melhores controles zootécnicos e sanitários, proporcionam níveis de produção que não variam muito durante o ano. O pastejo rotacionado, com suplementação protéica na época seca, tem se mostrado como um caminho seguro para quebrar a sazonalidade da produção leiteira.
3. **Produção de leite à pasto:** Entre os agricultores familiares, a opção do pasto leva a uma redução do custo de produção, tornando-os competitivos no mercado mundial, a exemplo dos produtores da Nova Zelândia. A utilização de fêmeas mestiças holandês-zebu (F1), além de proporcionar a produção econômica do leite, também oferece bezerros de qualidade para o mercado da carne. O cuidado com a qualidade do bezerro desmamado garante uma renda importante para o pequeno produtor.
4. **Consciência gerencial:** Por menor que seja a atividade rural, o domínio das ações deve ser constante. Gerenciar não é “tomar conta” e sim “dar conta” das atividades programadas, baseadas em objetivos claros. O produtor familiar, através do seu grupo comunitário, deve ser orientado para a adoção de práticas gerenciais mínimas. A adoção de registros de nascimentos das crias, cobertura das fêmeas, controle leiteiro mensal, levantamento sanitário periódico, controle efetivo de mamite, época programada de secagem de vacas, controle programado de ecto e endoparasitas, entre outras, certamente trarão resultados positivos e grande auxílio nas tomadas de decisão.

**Bibliografia Consultada**

CONGRESSO NACIONAL DE LATICÍNIOS, 15, 1999, Juiz de Fora. Organização da produção primária: um desafio para a indústria de laticínios – workshop. Juiz de Fora, *Anais...*, EPAMIG-ILCT, 1999, 283p.

GUANZIROLI, C. E., CARDIM, E. S. *et al.* Novo retrato da agricultura familiar. O Brasil redescoberto. Projeto de Cooperação Técnica INCRA/FAO, Brasília, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, Censo agropecuário 1995/1996, Brasil, 1996.

JANK, M. S., FARINA, E. M. Q., GALAN, V. B. O agribusiness do leite no Brasil, Editora Milkbizz, São Paulo, SP, 1999, 108p.

MICHELETTO, M. Um projeto para o leite, Relatório Câmara dos Deputados, Brasília, 1998.

SETTE, R. S. Gerência de sistemas de produção de leite, IN: 3º ENCONTRO DE PECUÁRIA LEITEIRA DO SUL DE MINAS, *Anais...*, UFLA/EMATER-MG, 1999, p.1-9.